

LEITURA LITERÁRIA COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA E A EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL

Josele da Rocha Monteiro¹

RESUMO

Este artigo trata da importância da Literatura como estratégia didática de emancipação intelectual. A literatura foi e é, e sempre será arma de combate, de questionamentos. Neste estudo, se questiona as motivações que fazem com que o leitor brasileiro leia cada vez menos a literatura nacional. Em contrapartida, há os fenômenos literários internacionais a exemplo de *Harry Potter* e *Crepúsculo*. Para a construção da pesquisa, foi levantado um rico material bibliográfico. Para fundamentar o estudo, foi tomada por base uma pesquisa do governo federal chamada "retratos da leitura do Brasil".

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Emancipação. Pesquisa. Estratégia didática

ABSTRACT

This article concerns the importance of the Literature as a tool of intellectual emancipation. The literature was, is and will always be a weapon to combat questions. In this study, there are questions that reflect on the motives that make the Brazilian readers read the national literature increasingly less. In contrast, there are the international literary phenomena, as its example there are *Harry Potter* and *Twilight*. For the construction of this research, it was raised a rich bibliographic material. In order to justify this present study, a research of the federal government which is called "portraits of reading of Brazil" was taken as basis.

Keywords: Reading. Literature. Emancipation. investigation. didactics.

1 INTRODUÇÃO

Considerada como sendo uma das formas mais humanas da arte, a literatura é instrumento carregado de significados, ideologias, ou seja, literatura é tudo que dá sentido ao humano.

Segundo afirma Ely Vietez Lanes (1978; p.30):

A literatura é o retrato vivo da alma humana é a presença do espírito na carne. Para quem as vezes se desespera ela oferece consolo, mostrando que todo ser humano é igual e que toda dor parece ser a única. É ela quem

ensina aos homens os múltiplos caminhos do amor, enlaçando-os em risos e lágrimas [...]

Na história, o texto literário por diversas vezes foi utilizado como meio de imposição ou implantação de uma nova ordem, de um novo tempo político. Assim, como explicar os recentes fenômenos editoriais a exemplo de *Harry Potter* e *Crepúsculo* e ao mesmo tempo o elevado índice de desinteresse pelos clássicos literários nacionais? Neste mesmo sentido, é conveniente questionar qual a motivação dos brasileiros a preferirem um filme estrangeiro à uma produção nacional?

Os questionamentos acima encontram justificativa na medida em que se constata uma forte presença e influência estrangeira generalizada em todas as ramificações culturais. De fato, este não pode ser considerado um problema genuinamente brasileiro, mas focando estritamente no Brasil, é nítido o desconhecimento quase que total das produções literárias nacionais e em contrapartida o total envolvimento com tais *best sellers* internacionais.

Este estudo busca apresentar a relação existente entre a leitura literária e a emancipação intelectual do leitor, ou seja, neste aspecto este artigo não tem por finalidade apenas destacar as vantagens da leitura, mas apontar as contribuições advindas da leitura de texto literários clássicos da literatura nacional.

Neste sentido, será feita uma sugestão didática de como realizar essa abordagem no cotidiano escolar a partir da inserção das novas tecnologias- mais precisamente: blogs, twitter e facebook - como prática de registro das leituras realizadas.

Para uma melhor compreensão do fim do presente estudo, será objeto de estudo de forma específica a figura do romance, também conhecida na América Latina como sendo novela. Neste sentido, é importante destacar que nas últimas décadas a produção literária sempre esteve associada aos movimentos políticos e sociais no Brasil e não apenas como um mero instrumento de lazer destinado a preencher o ócio da burguesia.

Neste aspecto destaca o estudioso mexicano Carlos Fuentes (1993, p.33) que:

Busca do romance, busca da segunda história, da outra linguagem, do conhecimento mediante imaginação; busca, enfim, do leitor e da leitura: vício impune, disse Gide, admirador dos romances que criam leitores. Ler um romance: ato amador, que nos ensina a querer melhor. E ato egoísta também, que nos ensina a ter conversas esplêndidas com nós mesmos.

Destaca-se ainda que o presente artigo obtivesse construção a partir de uma discussão apresentada na revista nova escola do mês de agosto do ano de 2008 que publicou uma matéria a respeito da leitura na escola. Na matéria a constatação de que o jovem estudante brasileiro desconhece a própria literatura e via de conseqüência a história do próprio país é apenas mais um reflexo da interferência do estrangeirismo e do efeito alienador das publicações não reflexivas.

No que se refere à estrutura da narrativa foi construída obedecendo a uma lógica de pensamento, partindo-se do uso do texto literário como instrumento eficaz de propagação de ideologias, em seguida foi feito um questionamento abordando qual a função da literatura em relação à sociedade e ao leitor, destacando os pontos mais relevantes em relação às contribuições oriundas da leitura literária e por fim a discussão da literatura como agente emancipador da intelectualidade como produto final. **Autor?**

Será ainda objeto de discussão neste estudo o papel da biblioteca no ambiente educacional como instrumento de difusão da leitura literária por meio não apenas da oferta em seu acervo de obras, mas também por meio de eventos dentro e fora das paredes do seu espaço físico. **Autor?**

Assim, considerada por Carlos Fuentes (1993, p.10) como sendo o conhecimento pela arte, a literatura é o diálogo estabelecido entre o imaginário e vida. Após a leitura de qualquer texto literário, ninguém permanece sendo o mesmo, pois literatura é um agente de transformação e reflexão.

A literatura é e sempre será uma arma de combate e uma forma de se construir um cidadão crítico e reflexivo. Desta forma, este artigo demonstrará a relevância de se incentivar a leitura dos clássicos da literatura nacional como forma de resgate não apenas do ato de ler, mas também da retomada dos valores nacionais inseridos na história do povo brasileiro registrado no texto literário e a construção de um espírito crítico e reflexivo. **Autor?**

Quanto ao aspecto metodológico, o presente estudo foi construído a partir de leituras de artigos de revista especializada em educação a exemplo da revista Nova Escola, bem como de textos técnicos de diversos autores como o mexicano Carlos Fuentes. Assim, o artigo tem sua origem em uma investigação eminentemente bibliográfica.

Cabe destacar desde já que não existe um texto sem uma ideologia impressa ou implícita, ou seja, nenhum escrito, principalmente literário existe sem uma finalidade pré-estabelecida, sem um fim a ser atingido. Tal afirmativa se constata quando é tomado por base o princípio destacado por Ezequiel Theodor da Silva ao investigar os fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura, de que

O patrimônio histórico, cultural e científico da humanidade se encontra fixado em diferentes tipos de livros. Assim, o acesso aos bens culturais, proporcionado por uma educação democrática, pode muitas vezes significar o acesso aos veículos onde esses bens se encontram registrados – entre eles o livro. (2005, p.32)

Dessa maneira, a leitura é vista como sendo um meio de acesso à cultura e de aquisição de experiência, visto que a leitura pode ser vista como uma possível fonte de conhecimento. Cabe ainda mencionar que a ação da leitura não está dissociada à da escrita, considerada a última como sendo uma das fontes primárias da ação educativa do professor.

2 A FUNÇÃO DA LITERATURA

Desde sua origem, a literatura, sempre teve por função a inserção social do homem, a inclusão do humano na sociedade do saber.

Para os gregos, a literatura transformou-se em arte indispensável, ligada às atividades diárias, ensinando as melhores formas de plantar e caçar, por exemplo. Mas usavam principalmente a poesia, que toca mais depressa as emoções. (QUINTELLA; p.36, 1988).

Como se percebe, a literatura sempre esteve presente no cotidiano humano, não sendo possível dissociar ou separá-la das necessidades do homem. Mesmo com conteúdo inicial voltado para desempenho das tarefas ou atividades domésticas, a literatura sempre foi um instrumento de orientação para vida. Desta forma, percebe-se que a leitura literária, mesmo que de cunho

meramente informativo ou instrucional era o meio indispensável para uma vida mais consciente e orientada. **Autor?**

Antes mesmo de se destacar no texto os pontos a respeito da reflexão quanto à função ou finalidade da literatura, é relevante destacar que a forma como o ensino da mesma ocorre de forma totalmente equivocada, razão pela qual um dos fatores que obstaculizam o hábito espontâneo de leitura literária e mais precisamente da literatura clássica nacional é a aversão criada pelo ensino deficitário da literatura brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio. **Autor?**

Tal afirmativa não se aplica tão somente a rede de ensino público, mas também a rede privada e é um ledor engano pensar que por ser detentora de maiores recursos financeiros para aquisição de obras literárias possui um acervo tão vasto quanto ao seu possível número de leitores. A rede privada vive o mesmo dilema de todos os outros meios educacionais que é descobrir como despertar no aluno o interesse constante por esse hábito saudável de leituras literárias (AMORIM, 2008).

Neste aspecto, é necessário repetir o óbvio: leitura é prazer. Transformada em dever de casa ou/ matéria de prova – como acontece em muitos colégios que ignoram (inercialmente) a viva discussão que se empreende contra a utilização paradidática da literatura infanto-juvenil – seu efeito é devastador: forma gerações de “inimigos do livro”, para quem malignos autores aliados a sádicos professores conspiram para arruinar os fins de semana dos jovens saudáveis e desejosos de viver.

Autor?

O desafio posto é o seguinte: é latente a necessidade de se seduzir o jovem e a criança para a leitura; é necessário rejeitar, repudiar todos os artifícios que tornem a leitura uma obrigação. Leitura não é coadjuvante nem acessório do currículo. Não pode ser rebaixada a servir de instrumento (paradidático) do ensino da gramática, muito menos como forma de catequese da moral e dos bons costumes. Pelo contrário, a leitura, o livro, colocam-se ao lado do leitor no seu direito de experimentar o mundo. **Autor?**

A leitura literária é um ato também de intimidade (introspecção) e de liberação. Não pode ser devassado por pressões externas, por fichas de abordagem, pelo que “vai cair na prova” ou pela interpretação que “o professor achou correto”. **Autor?**

A leitura literária, enfim, é algo à parte, singular, dentro de casa, na escola e no mundo. É um procedimento/ estratégia de formação (não de educação) informal, que não pode estar sujeito a cobranças. É para se oferecida em espaços estimulantes e particularizados, tais como oficinas, bibliotecas, espaços extracurriculares – que não valem nota – que podem se dar ao luxo de transgredir, de cultivar o proibido, de praticar o lúdico, sugerir o acesso ao inconfessável e explorar o conflito. Precisa tornar-se tentadora, irresistível, fascinante. Esta fracassa sempre que o jovem ou criança se refiram ao momento de ler com um “*ai, que saco!*” do qual não tem como escapar. Neste sentido, argumenta Quintella:

O livro de ficção não pode ser considerado na escola, ou onde quer que seja como uma obrigação. É preciso estimular seu uso de forma a ser encarado como um estímulo de vida, um processo criador e criativo. (QUINTELLA; p.21, 1988).

Conforme citado acima, a literatura não pode ser vista encarada ou empregada como forma punitiva às transgressões comportamentais, mas sim como meio de despertar e estimular o processo criativo

não apenas para o processo de ensino-aprendizagem, mas para a vida. Menciona-se que a função da leitura é despertar dentre outros atributos, a possibilidade de construção do discurso e como bem demonstra o mestre Adilson Citelli (1998) tal construção discursal se torna mais fortalecida se o objeto da leitura forem os livros clássicos da literatura nacional, destacando dentre tantos autores, Machado de Assis, José de Alencar, Aluísio Azevedo dentre outros.

A literatura é uma das manifestações da palavra e a palavra é a forma pela qual o indivíduo constrói seu próprio discurso e identifica discursos com os quais deseja se associar. Por essa razão, alguns educadores destacam a necessidade de que jovens leiam jornais, prelúdio, talvez, de uma leitura literária amadurecida. De fato, o jornalismo não deixa de ser um gênero literário. No jornal ou na literatura pisa-se o terreno da palavra. Todavia, a palavra jornalística é informativa, significativa, imediata. Em contrapartida, a palavra literária pode ir além, alcança níveis de ironia, sutileza e ambigüidade que tornam a apreensão da realidade mais complexa. Autor?

De resto, o jornalista também deve ter uma vivência literária que torne seu texto mais bem elaborado, ou seja, percebe-se assim que o texto literário possui uma composição mais técnica, exigindo do leitor um arcabouço léxico maior para compreensão da ideologia impressa no texto. O texto literário ao exigir um cuidado maior tanto na leitura quanto na interpretação, faz com que o leitor adquira uma visão maior de mundo e via de conseqüência amplie seu vocabulário. Autor?

O texto jornalístico tem por função informar, ou seja, levar o fato a massa popular e não possui por finalidade despertar o senso crítico, uma reflexão a respeito de determinada temática Autor?. Ocorre que, mesmo a literatura sendo instrumento de construção do pensamento crítico, como se justifica a ausência de criticidade do público discente no Brasil recentemente e o total desconhecimento da literatura produzida no Brasil?

As editoras brasileiras disputam, nas estantes das livrarias e cada vez mais nos sites, os mesmos 5 milhões de brasileiros que valorizam e tem condições concretas para valorizar, a arte, a cultura, o conhecimento. Mas somos ao todo 180 milhões de habitantes! Dentre os quais 50 milhões são crianças com menos de 14 anos. (PERISSÉ, 2006, p.78)

No entanto, a problemática envolta da literatura não se encerra neste ponto, pois além dessas crianças, que os pais e professores podem ajudar a se tornar leitores, há ainda muita gente entre 20 e 50 anos que precisaria redescobrir a leitura, e a leitura de literatura, particularmente como forma de acesso ao mundo culto, como forma indireta de aperfeiçoamento profissional, e, sobretudo, como caminho para formar-se intelectual e eticamente, como ocasião para cultivar a sensibilidade, a imaginação para aprimorar-se efetivamente, em suma, como exercício de humanização. E este contingente estaria apto a formar seus filhos como leitores criativos (PERISSÉ, 2006, p.78). O poder textual incorpora o poder de selecionar, delinear e apresentar certos aspectos da experiência humana.

3 A EMANCIPAÇÃO INTELLECTUAL COMO PRODUTO FINAL

A leitura literária deve ser incentivada não apenas como um instrumento de combate ao analfabetismo, mas sim como uma forma de acesso a cultura, vocabulário apurado, formação de opinião a respeito de determinada matéria. Leitura literária é muito mais que conhecer um enredo,

personagens, cenários e escolas de pensamento. Literatura é antes de qualquer coisa consciência e consciência construída com fundamento e não simplesmente informação alienada. **Autor?**

É importante destacar que a partir da leitura como manifestação da palavra, o leitor passar a ter condições de manusear não apenas a palavra em si, mas o próprio sentido de raciocínio. Neste sentido, para que tal manuseio seja possível é necessário o contato direto e habitual com o texto literário. **Autor?**

Assim sendo, para se comunicar bem, a pessoa precisa ter a capacidade de usar as palavras com o exato significado de sua emoção. E, para que isso aconteça, é necessário grande convívio com o uso da palavra (QUINTELLA; p.16, 1988). Desta forma, com a leitura é desenvolvido não apenas um vocabulário rico, mas construída uma nova personalidade social, pois o indivíduo que adquire um novo vocabulário passa a ter novas possibilidades de expressão, argumentação e construção de novos paradigmas.

Para que a leitura e via de consequência a literatura cumpra seu papel social, necessário se faz uma prática educacional libertária, ou seja, comprometida em tornar o homem livre de qualquer segregação de conhecimento. Neste sentido, esclarece Dermeval Saviani (2006 p.16), a respeito dos objetivos prioritários da educação brasileira:

Sabemos quão precárias são as condições de liberdade do homem brasileiro, marcado por uma tradição de inexperiência democrática, marginalização econômica, política, cultural. Daí a necessidade de uma educação para libertação: é preciso saber escolher e ampliar as possibilidades de ação.

Ao romper com o estado de marginalização cultural, o homem torna-se livre para exercer sua democracia, pois não há democracia onde as pessoas são cultural e intelectualmente subjugadas pela ausência do saber. Na palavra, no texto, na literatura faz-se a criatividade humana: o encontro entre a capacidade de ler o mundo e o mundo que aguarda a leitura. **Autor?**

Quanto se fala, mais a fala vai melhorando, dia a dia. Quanto se ouve, mais a compreensão vai se aprimorando, dia a dia. Há necessidade de praticar, é importante falar e ouvir. “Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real literatura, nem dela, portanto resulta o conhecimento.” (FREIRE,2000).

O que Paulo Freire propõe é uma leitura literária que ultrapassa a mera memorização com intuito de reprodução literal em avaliações, ou seja, a proposta real da leitura é proporcionar ao indivíduo um rompimento do seu estado inicial que o impossibilitava de compreender na sua exatidão o mundo que o cerca, permitindo que seja construída uma visão crítica da sociedade. **Autor?**

O maior desafio atualmente da leitura literária clássica é vencer a barreira da obrigatoriedade, pois por vezes o jovem leitor só se vê obrigado a fazer a leitura por imposição dos professores ou como pré-requisito para o vestibular que dá acesso ao ensino superior. No passado um tanto remoto a memória atual, a expressão leitura clássica ou o termo clássico passou a significar o que tinha valor, ou seja, algo de extrema relevância. **Autor?**

Inegável que os escritos literários sejam instrumentos de conscientização social e formadores de opinião, bem como se tornam referências / fundamento para deflagrar momentos históricos

importantes, contudo, quando a leitura é trabalhada sem qualquer parâmetro metodológico, a mesma se resume em extensas leituras obrigatórias para os alunos e pouco aproveitamento da mesma, pois leitura-obrigação sem qualquer razão ou conscientização, faz com que a mesma não seja trabalhada corretamente e o objeto da leitura não seja discutido de forma profunda. **Autor?**

Neste aspecto destaca de forma enfática o mestre Paulo Freire: “Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas às vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a serem muito mais “devoradas” do que realmente lidas ou estudadas.” (2000, p.17). Portanto, a mera insistência na quantidade de leitura e não na qualidade da mesma, ou seja, sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita.

Enfatizando a literatura como instrumento de propagação de ideias e nova forma de pensar as instituições sociais, destaca o estudioso Quintella:

A literatura é arte, e, como tal, exerce grande influência em nossas atitudes em relação à vida. Por exemplo: O Navio Negreiro, poema de Castro Alves, ajudou muito o movimento de libertação dos escravos, no Brasil do século passado. Ao mostrar as péssimas condições do transporte dos escravos para o Brasil, bem como o tratamento desumano a eles dispensado, o livro pôs a favor dos escravos milhares de pessoas. (1988 P.43 – 44,).

Literatura é comunicação, interação social, troca de experiência e construção de novos olhares. O jornal tem muitas coisas da literatura: o jornalista precisa também dominar sua língua; o seu texto tem de ser acreditado; precisa ser o reflexo da cultura da época; tem de ser agradável, senão o jornal não é lido. O jornalista muda os rumos da história. Como a poesia mudou um dia. Como os grandes romances fazem até hoje. **Autor?**

Literatura não é mera informação. Literatura é criação. Mesmo que seja com novas palavras, como fez Guimarães Rosa **ano?**. Por meio da denominação, isto é, de dar nome aos bois, aumenta a capacidade de raciocínio do leitor, fazendo, ao mesmo tempo, que seu cérebro se torne mais ativo no sentido de rapidez.

Com o uso da palavra exata, pode crer, você será mais feliz. É sempre mais feliz quem sabe dizer o que quer. É sempre mais feliz quem demonstra suas emoções. A leitura é uma cadeia de sugestões que nos libertam do aprisionamento social da ignorância, da impossibilidade de expressar opinião ou de ter uma formada a respeito de determinado tema. **Ano?**

O que mais surpreende neste contexto de discussão de comportamento leitor é perceber que alguns estudiosos como Paul Goodman (1976), um pensador americano, não vê um futuro muito promissor para a leitura literária, pois segundo o mesmo, a forma como se ensina literatura nas escolas não desperta o menor interesse em torna a leitura literária um hábito desprovido de obrigações ou penalidades.

Se a educação literária representa relações sociais, essa dinâmica complexa se torna ainda mais responsável por atitudes políticas, fazendo da verdade literária um problema que requer uma resposta mais crítica. Mais que historicismo literário ou uma crítica prática superficial, a literatura representa o meio estético de representação cultural de poderes politicamente reconhecidos, a serem ensinados e aprendidos sem reverência, mas com um olhar de consciência crítica. **Autor?**

4 UMA SUGESTÃO OU ESTRATÉGIA DIDÁTICA

Depois de apresentar os fundamentos teóricos do tema abordado, é interessante oferecer uma sugestão de ao menos uma estratégia didática. Contudo cabe inicialmente compreender o sentido da expressão “estratégia” associada a uma questão didática.

Neste sentido, de forma precisa e clara conceitua Isabel Solé:

Estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão dos textos. Estas não amadurecem, nem se desenvolvem, nem emergem, nem aparecem. Ensinam-se- ou não se ensinam- e se aprendem- ou não se aprendem. (SOLÉ, 1998, p.70)

Como se percebe as estratégias didáticas estão muito relacionadas ao contexto, ou seja, não se pode ter uma fórmula pronta para cada escola acreditando que assim de forma engessada e pronta podem funcionar de forma eficaz. Em primeiro lugar é necessário conhecer o contexto dos alunos, compreendendo suas necessidades e limitações como também suas afinidades literárias. **Autor?**

Outro aspecto a ser considerado neste contexto é como estimular e registrar essas leituras? Segue abaixo uma sugestão de como produzir e registrar um trabalho com leitura literária no ensino médio.

Tomando por referência o conceito de Regina Célia Haydt de que “Em geral, o plano de aula do professor assume a forma de um diário ou de um semanário.” (HAYDT, 1997, p.103) é proposto ao professor após levar os alunos à biblioteca para o reconhecimento das obras literárias previamente apresentadas em sala. Em seguida, sugere-se que por grupos de afinidades com as obras propostas para leitura que sejam formados pequenos grupos para uma leitura compartilhada.

Na sequência como o tempo não permite uma alongamento das aulas, seria proposto aos alunos um prazo para finalização das obras forma de sala com encontros semanais dos grupos, com finalidade de debater a compreensão e a forma de se registrar suas leituras.

Na fase final de leituras e debates sugere-se ainda aos alunos que registrem o resultado de suas leituras no chamado “diário de leituras literárias”. Esse diário pode assumir uma forma totalmente digital haja vista a inserção das novas mídias na educação, como por exemplo um vídeo resumindo a fase da escola da obra, das leituras, debates, a ser postado posteriormente no *youtube*, *facebook* ou outros meios de propagação de informação digital. **Autor?**

Convém destacar a importância dos alunos registrarem as contribuições daquela leitura a seu cotidiano, destacando assim que não foi apenas uma leitura como patê do plano de aula pura e simplesmente, pois como bem destaca Marisa Lajolo:

É a propósito da literatura que a importância do sentido do texto se manifesta em toda a sua plenitude. É essa plenitude de sentido o começo, o meio e o fim de qualquer trabalho com o texto. Todas as atividades escolares das quais o texto participa precisam ter sentido, para que o texto resguarde seu significado maior. (LAJOLO, 1986, p.115)

Assim, os alunos estariam envolvidos prazerosamente no universo da leitura literária e estimulariam as pessoas no seu entorno como colegas e familiares a também se aventurarem nesse novo mundo a ser descoberto por meio da palavra registrada. **Autor?**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão apresentada, é possível alcançar algumas ideias conclusivas. Para se alcançar a primeira ideia é importante compreender a afirmativa do espanhol Juan Ramon Gimenez **ano?** que sustenta que “a literatura é a imensa arte da grande minoria.”

Tal afirmativa parece contraditória na medida em que hoje existe um crescente volume de publicações e uma busca desenfreada pela leitura de determinadas obras, mas a ideia exposta por Gimenez é que em se tratando da leitura de obras de literatura nacional que possui um caráter reflexivo, crítico, ou seja, capazes de retirar o do leitor da total inércia. **Autor?**

Fala-se do desaparecimento ou da extinção do livro, creio que isto é impossível. Dir-se-á qual a diferença entre um livro e o jornal. O jornal é escrito para ser esquecido e o livro é lido para eternizar a memória. Estas foram às palavras de Jorge Luiz Borges **ano?** ao abordar tal questão.

A partir dessa afirmativa, percebe-se que mesmo com todo avanço tecnológico, o livro continuará sendo instrumento integrante do processo de registro do conhecimento da humanidade em determinado momento histórico, pois esta é uma das funções do livro, o registro do conhecimento. Forma de se relacionar com o mundo de tornar o homem verdadeiramente mais humano. Faz com que o homem deixe seu estado natural de ignorância e isolamento sócio-intelectual. **Autor?**

Leitura literária é mais que mera informação, é conhecimento na forma de prosa. Em cada personagem, em cada descrição seja do aspecto físico do local do desenrolar do enredo ou do perfil psicológico de determinada personagem, há uma segregação do saber que corresponde a muito mais do que simplesmente informar, ou seja, a informação está no plano superficial do saber. **Autor?**

A formação do leitor passa pela qualidade do texto lido. A quantidade é decorrência. Se a leitura se dá de forma esporadicamente, menos haverá menos intimidade com as letras, palavras, parágrafos; em decorrência, investe-se mais tempo no livro, mas o volume de páginas lidas é pequeno. É normal que assim seja: a leitura tem um aspecto mecânico a ser dominado para que a produção resulte acelerada após um período de exercícios, como outras atividades mecânicas: bordar, dirigir automóvel, digitar. O mérito não reside na velocidade com que fazemos, mas na eficiência, prazer e competência com que é feito. **Autor?**

A maior parte dos livros de literatura infantil e juvenil, a exemplo dos fenômenos internacionais como Harry Potter e Crepúsculo é resultado desse mesmo processo de fabricação em série. Fica fácil para as crianças e jovens ler grande quantidade de páginas em pouco tempo, pois os textos não oferecem obstáculos e rupturas significativas. **Autor?**

O mais grave, contudo, é que o *Best-seller* **ano?** não amplia os horizontes do leitor, é um livro mata-livros, cria o deserto em torno de si, porque o leitor de *Best-seller* não procura outros autores, não é curioso, espera a saída do próximo *Best-seller* porque quer o livro síntese, que lhe permita não ler mais nada e lhe a ilusão de ter lido o essencial.

Este é apenas uma das mais relevantes justificativas para que as obras de literatura nacional sejam deixadas de lado e se transforme em meros instrumentos ou passaportes para o ensino superior por meio dos vestibulares e esquecidos na sequência. **Autor?**

Diante de tais constatações, os meios necessários para superar tal quadro de leitura literária, são as pequenas ações pedagógicas do cotidiano como a criação nas salas dos cantos de leitura ou mini

biblioteca, bem como rodas de leitura, debates de temáticas e problemáticas da atualidade a partir de textos literários. Por fim, se este estudo tiver conseguido instigar para o fato de que ler boa ficção e boa poesia não é uma obrigação escolar, mas uma preparação estética para o uso da palavra exata, ter-se-á conseguido muito. **Autor?**

REFERÊNCIAS

AMORIM, Galeno.(org.).**Retratos da leitura no Brasil: olhares e reflexões.**Brasília: Instituto Pró-livro, 2008.

CADEMARTORI, Ligia. O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes. Belo horizonte: Autêntica, 2009.

CITELLI, Adilson. Linguagem e persuasão. 12ª Ed. São Paulo: Ática,1998.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSTA, Marta Morais. **Mapa do Mundo.** Rio de Janeiro: Leitura, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 39ª ed..São Paulo: Cortez, 2000.

FUENTES, Carlos. **Geografia do Romance.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

GOODMAN, Paul. **La deseducación Obligatoria.** 2ª ed. Barcelona: Fontanella,1976.

HAYDT, Regina Célia. **Curso de Didática Geral.**4ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

LANES, Ely Vietez. **Laboratório de Literatura.** Rio de Janeiro: Estrutura, 1978.

LAJOLO Marisa. **O texto não é pretexto. Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** São Paulo: Ática, 1986.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro: ser leitor – que diferença faz?.** São Paulo: Globo,2009.

MEIRELLES, Elisa. **Literatura, muito prazer in: NOVA ESCOLA.** Ano XXV, nº234. Agosto de 2010.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & Educação.** Belo horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 10ª Ed. São Paulo: Cortez,2005.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6ª ed. Porto Alegre: Artmed,1998.